



Calidoscópio

E-ISSN: 2177-6202

calidoscopio@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Ximenes Cunha, Gustavo

As orações introduzidas pelo conector quando e seu papel na emergência de relações
retóricas em reportagens

Calidoscópio, vol. 12, núm. 3, septiembre-diciembre, 2014, pp. 296-304

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=571561782007>

- ▶ [Como citar este artigo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Mais artigos](#)
- ▶ [Home da revista no Redalyc](#)

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Gustavo Ximenes Cunha
ximenescunha@yahoo.com.br

As orações introduzidas pelo conector *quando* e seu papel na emergência de relações retóricas em reportagens

Clauses introduced by the connector *quando* and their role in the emergency of rhetorical relations in news articles

RESUMO - Este artigo apresenta um estudo das orações adverbiais introduzidas, em português, pelo conector *quando* presentes em reportagens. O objetivo é investigar a atuação dessas orações na emergência de relações retóricas. Com base nos postulados da Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory - RST*), constatou-se que, em reportagens, a articulação de orações pelo *quando* é bastante complexa. Nesse gênero, a maior parte das orações adverbiais introduzidas por esse conector possibilita a emergência de mais de uma relação retórica. Assim, essas orações ajudam o jornalista a expressar que, do seu ponto de vista, os eventos representados se combinam de modo bastante complexo, raramente havendo entre eles apenas uma relação de natureza temporal, causal ou condicional. Na maior parte dos casos, os eventos expressos na oração adverbial e na oração nuclear estabelecem entre si diferentes relações retóricas sobrepostas.

Palavras-chave: conector *quando*, reportagens, Teoria da Estrutura Retórica (RST).

ABSTRACT - This article presents a study of adverbial clauses introduced by the connector *quando* (when) in printed news articles in Brazilian Portuguese. The aim is to investigate the role of these clauses in the emergency of rhetorical relations. Within the assumptions of *Rhetorical Structure Theory (RST)*, we have come to the conclusion that the articulation of clauses by *quando* is rather complex in news articles. In this genre, most adverbial clauses introduced by that connector allow for the emergence of more than one rhetorical relation. Thus, these clauses help the journalist express that, from his/her point of view, the events represented are combined in a very complex way. Rarely are they organized according to a simple temporal, causal or conditional relation. Most frequently, the events expressed in the adverbial clause and in the nuclear clause establish overlapping rhetorical relations between them.

Keywords: connector *quando*, news articles, Rhetorical Structure of Theory (RST).

Introdução

Neste trabalho, apresento um estudo das orações adverbiais temporais introduzidas pelo conector *quando* a fim de, com o aporte teórico da Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory*) - doravante RST - tal como explicitada em Mann e Thompson (1986) e Taboada e Mann (2006), evidenciar que essas orações, em reportagens impressas, propiciam a emergência de três relações retóricas: circunstância, condição e causa. O estudo dessas orações se justifica por, pelo menos, três motivos.

Em primeiro lugar, estudos apontam que o conector mais recorrentemente utilizado para introduzir adverbiais temporais em português é o *quando* (Braga, 1999; Antonio, 2012). Essa recorrência justifica o estudo do papel desse conector em diferentes situações de uso da língua, bem como do complexo temporal de que ele participa, ao articular orações.

Em segundo lugar, nas gramáticas tradicionais e mesmo em estudos linguísticos, a complexidade desse conector e das construções em que ocorre costuma ser minimizada. Nesses trabalhos, a oração por ele introduzida é descrita, de modo geral, como um recurso que, à maneira de um advérbio de tempo, estabelece um ponto de referência ou uma baliza temporal para a oração à qual se articula. Essa análise redutora associa ao *quando* apenas valores semânticos temporais e ignora que esse conector pode sinalizar não só relações de tempo, mas também outros tipos de relações, como as de causa e de condição.

Por fim, o estudo das adverbiais introduzidas pelo *quando* permite chamar a atenção para uma questão complexa e, por isso mesmo, nem sempre abordada, que é a da sobreposição de relações retóricas. Nos casos em que se verifica essa sobreposição, duas ou mais relações emergem da articulação de duas porções textuais. Como veremos, as adverbiais introduzidas pelo *quando* parecem particularmente interessantes para a observação desse

fenômeno, já que da articulação da oração adverbial com a nuclear podem emergir, concomitantemente, as relações de circunstância¹ e condição ou as relações de circunstância e causa.

Para estudar as adverbiais introduzidas pelo *quando* em reportagens impressas, faço inicialmente uma apresentação sucinta da RST. Depois, exponho os resultados de trabalhos que tratam da complexidade das orações adverbiais introduzidas pelo *quando*, bem como da necessidade de, na compreensão do funcionamento dessas orações, considerarem-se outros elementos além do conector, como os tempos e os modos verbais e a ordem das orações. Em seguida, apresento os critérios que nortearam a seleção do *corpus* em que este estudo se baseia. Por fim, evidencio os resultados das análises realizadas.

Teoria da Estrutura Retórica: uma abordagem para o estudo da organização textual

A RST constitui uma abordagem que se preocupa em explicar a construção da coerência dos textos, a partir da descrição de como seus constituintes se articulam. Nesse sentido, a coerência de um texto resulta da função que cada um dos seus constituintes desempenha em relação a outro constituinte (Taboada, 2006). Assim, a RST é uma teoria descritiva, cujo objetivo consiste em caracterizar as relações retóricas (proposições relacionais) que emergem da combinação dos constituintes textuais (Mann e Thompson, 1986; Taboada e Mann, 2006; Antonio, 2008).

Para essa teoria, as relações retóricas se estabelecem em todos os níveis da estrutura textual, tanto no nível dos constituintes mínimos (as orações), como no nível dos constituintes formados por porções maiores do texto. Por esse motivo, postula-se que “os textos são formados por grupos organizados de orações que se relacionam hierarquicamente entre si” (Antonio, 2004, p. 39). As orações de um texto e os grupos em que se organizam podem se combinar por meio de dois tipos de relações:

- Relações núcleo-satélite, em que um constituinte textual (o satélite) é subsidiário de outro (o núcleo). Exemplos: avaliação, causa, elaboração, concessão, condição, propósito.
- Relações multinucleares, em que um constituinte textual não é subsidiário do outro, cada um dos quais funcionando como núcleo distinto. Exemplos: contraste, lista, sequência, junção, disjunção.

A hierarquia entre os constituintes de um texto se verifica à medida que são definidas as relações que se estabelecem entre as porções de um texto. E é dessas relações (núcleo-satélite ou multinucleares) que surgem as

relações retóricas ou proposições relacionais. A definição das proposições relacionais não leva em conta critérios formais, advindos da sintaxe, mas sim critérios funcionais e pragmáticos.

Sem entrar em maiores detalhes, critérios como as intenções (presumidas ou declaradas) do locutor e os efeitos do texto sobre o universo de crenças do interlocutor participam da definição dessas proposições. Dessa forma, é possível perceber que a estrutura por meio da qual a RST propõe representar a organização dos constituintes do texto não deve ser encarada como resultante de uma combinatória formal. Ainda que o fenômeno das proposições relacionais seja “combinacional” (Mann e Thompson, 1986), a estrutura retórica é um instrumento de análise com o qual o estudioso da língua pode explicitar a sua interpretação de como o autor organizou o texto e qual função cada constituinte textual exerce.

Antes de investigar o papel das adverbiais introduzidas pelo *quando* na emergência de relações retóricas em reportagens impressas, apresento, no próximo item, estudos sobre esse tipo de adverbiais.

Estudos sobre as adverbiais temporais introduzidas pelo conector quando

As adverbiais introduzidas pelo *quando* têm sido objeto de estudos em diferentes perspectivas teóricas. O interesse por essas orações se explica, em grande medida, pela complexidade das relações que emergem da articulação de informações por meio desse conector. Assim, é consensual a hipótese de que o *quando* introdutor de adverbiais temporais é polifuncional, porque atua na sinalização de diferentes relações (semânticas, retóricas, discursivas).

Ao estudar sequências narrativas e dissertativas orais e escritas, Decat (1993, p. 149) chama a atenção para a “inadequação de uma análise com base exclusivamente no conectivo que encabeça a cláusula”. Isso porque, como revela a autora, as orações adverbiais (ou hipotáticas de realce) introduzidas por *quando* podem estabelecer com as orações a que se articulam não só relações puramente temporais, como em:

- Então quando eu fui falar eu já tinha... já tava empregado (Decat, 1993, p. 149).

Essas orações podem ainda participar da emergência de outras relações, como a de condição:

- Em consequência, a interdisciplinaridade das ciências da educação, quando existe e se instaura sob a forma de um intercâmbio de informações e de métodos, depende também de uma precedente colaboração nessas áreas (Decat, 1993, p. 149).

¹ Como será exposto adiante, na RST, a relação de circunstância possui uma dimensão temporal.

Conforme observa a autora (Decat, 1993, p. 148), em casos como esse, “mesmo que se considere a emergência de uma proposição relacional temporal, [...] não se pode deixar de reconhecer que dessas combinações emerge uma segunda inferência, qual seja a de CONDIÇÃO”.

Em perspectiva semelhante, Neves (2000) mostra que das orações ligadas pelo *quando* podem emergir basicamente três tipos de relações temporais, por meio das quais as orações adverbiais expressam o tempo em que ocorre o estado de coisas indicado pelo verbo da oração principal. Esses três tipos de relações são:

- (a) simultaneidade: entre os estados de coisas expressos nas orações, há concomitância. A concomitância pode ser total ou parcial. Se for parcial, efeitos de sentido mais específicos são produzidos, como os de habitualidade e de proporcionalidade.
- (b) não-simultaneidade 1: há a precedência do estado de coisas expresso na oração principal, em relação ao da oração temporal.
- (c) não-simultaneidade 2: verifica-se a subsequência do estado de coisas da oração principal, em relação ao que é expresso na oração temporal.

Após caracterizar esses três tipos de relações temporais, Neves (2000, p. 797) comenta que à relação temporal que se estabelece entre as orações podem se associar “relações de tipo lógico-semântico (causal, condicional, concessiva)”. Segundo a autora, essa sobreposição de relações se deve à neutralidade do *quando*, capaz de marcar diferentes relações temporais, bem como à natureza dos tempos e modos verbais empregados nas orações².

Uma caracterização das adverbiais temporais introduzidas pelo *quando* próxima da de Neves (2000) é proposta por Mira Mateus *et al.* (2006). Nessa gramática, o *quando* é descrito como

um localizador mais ou menos neutro quanto à determinação da ordem relativa entre as situações envolvidas, sendo a sua principal função a de saturar, com a eventualidade que lhe está associada, as possibilidades de localização temporal da oração principal, sem impor restrições adicionais em termos de relação temporal entre as situações (Mira Mateus *et al.*, 2006, p. 177-178).

Porque não impõe restrições quanto ao tipo de relação temporal entre as orações, o *quando* pode sinalizar relações de anterioridade, sobreposição (simultaneidade) ou posterioridade, o que vai depender principalmente dos tempos e modos verbais das orações.

Mas observam os autores (Mira Mateus *et al.*, 2006, p. 723) que, junto com o valor temporal, o *quando* pode assumir outros valores:

(a) temporal e condicional: “O Mário virá *quando* eu quiser”.

(b) temporal e concessivo: “O Ministro negou o conteúdo das acusações *quando* se sabia que havia provas nesse sentido”.

Diferentemente de Neves (2000), os autores não associam ao *quando* um valor causal.

Embora não trate a questão da sobreposição de relações, Antonio (2012), em investigação sobre as adverbiais condicionais e temporais empregadas em elocuções formais (aulas e entrevistas), também observa que as adverbiais introduzidas pelo *quando* podem atuar na emergência da relação de circunstância ou da relação de condição. O autor parte do pressuposto de que “é necessário que outras marcas formais além do conectivo ou marcador discursivo sejam levadas em conta quando se analisa como são estabelecidas as relações retóricas” (Antonio, 2012, p. 134). Por isso, leva em conta, além do conector, os parâmetros factualidade e pressuposição, correlação modo-temporal e posição ou ordem das orações.

Como conclusão, o estudo aponta que, em elocuções formais, a maior parte das adverbiais temporais participa da emergência da relação de condição e não da relação de circunstância. Na relação de condição, os verbos da oração nuclear e da adverbial costumam estar no presente, os eventos expressos são simultâneos e o aspecto é não-perfectivo, podendo o *quando* ser substituído por *todas as vezes que*. Segundo Antonio, uma explicação para a frequência, no *corpus* estudado, de adverbiais temporais atuando na emergência da relação de condição pode ser que, em aulas, os professores se referem a eventos que ocorrem habitualmente. Essa explicação aponta para o impacto do gênero do discurso³ no uso do *quando* e na emergência das relações retóricas.

Em perspectiva teórica diferente da dos autores mencionados, Cunha (2010) e Cunha e Marinho (2012) obtêm resultados semelhantes sobre o funcionamento do conector *quando*, no que se refere à sua polifuncionalidade. Os autores investigaram o papel desse conector na marcação das relações de discurso em sequências narrativas de reportagens. Nesses trabalhos, verifica-se que a maior parte das ocorrências do *quando* introdutor de adverbiais temporais atua na marcação de relações de tempo (sucessão e regressão), mas que esse conector

² A possibilidade de o *quando* sinalizar não apenas relações temporais é registrada por Borba (2002), que em seu dicionário de usos apresenta ocorrências em que o *quando* assume os valores temporal, condicional e concessivo.

³ Neste artigo, cada gênero (reportagem, aula, bula de remédio, ata de condomínio, bate-papo, etc.) é entendido como um conjunto de representações sócio-historicamente adquiridas que os membros de uma coletividade ativam para participar das atividades sociais (Filliettaz, 2000; Cunha, 2013).

também atua na marcação de outras relações de discurso, como as de argumento (causa) e de topicalização⁴.

Sem desconsiderar a importância de outros trabalhos sobre a atuação do *quando* na sinalização de relações retóricas ou discursivas, os estudos rapidamente mencionados são suficientes, porque estabelecem pressupostos relevantes para a realização do presente estudo. Em primeiro lugar, os trabalhos reafirmam a natureza polifuncional do *quando*, que pode sinalizar não só relações temporais (anterioridade, simultaneidade, posterioridade), mas também relações causais, condicionais e outras. Em segundo lugar, explicitam que o estudo do fenômeno da sobreposição de relações deve levar em conta não apenas as instruções (semânticas e pragmáticas) do conector. É preciso considerar também as instruções das predicações presentes nos segmentos textuais envolvidos, a ordem de apresentação desses segmentos e o nosso conhecimento de mundo acerca das informações articuladas.

No próximo item, defino os critérios empregados na composição do *corpus* de análise, para, a partir dos trabalhos expostos neste item, expor os resultados do estudo das adverbiais introduzidas pelo *quando* encontradas em reportagens impressas.

A composição do *corpus*

As ocorrências de adverbiais introduzidas pelo *quando* estudadas neste trabalho foram extraídas de dezenas de reportagens publicadas em edições de janeiro de 2010 das revistas semanais de informação *Carta Capital*, *Época*, *IstoÉ* e *Veja*⁵. A composição desse *corpus* se orientou por basicamente três critérios: o gênero do discurso (reportagem), o suporte (revista semanal de informação) e a data de publicação (janeiro de 2010).

Porque os gêneros são construtos sócio-históricos que se constituem e se modificam ao longo do tempo (Bronckart, 2007), considerei como forte a hipótese de que eles têm impacto sobre todos os planos de organização do discurso⁶. Sendo assim, um estudo sobre as adverbiais temporais introduzidas pelo *quando* não poderia se basear em um *corpus* formado por textos pertencentes a gêneros diversos ou formado por textos pertencentes a um mesmo gênero, mas produzidos em diferentes momentos, a menos que se tratasse de uma pesquisa diacrônica, o que não é a proposta deste trabalho.

Após a definição do *corpus*, procedeu-se à busca por todas as ocorrências do conector *quando*. Foram encontradas 39 ocorrências desse conector. Mas dessas

ocorrências apenas dezenove introduzem orações adverbiais temporais. As demais introduzem adjetivas explicativas ou objetos diretos. Tendo em vista a finalidade deste trabalho, o estudo focalizou as dezenove ocorrências de adverbiais temporais introduzidas pelo *quando*. O item seguinte apresenta os resultados desse estudo.

A articulação de orações por meio do conector *quando* em reportagens impressas

As análises das dezenove ocorrências das adverbiais introduzidas pelo *quando* revelaram que, dessas ocorrências, cinco (26,3%) propiciam a emergência apenas da relação de circunstância. Nas demais catorze ocorrências (73,7%), verificou-se a emergência concomitante de mais de uma relação, o que permite notar que, no gênero reportagem, a sobreposição de relações é um processo recorrentemente utilizado para articular informações. Em cinco ocorrências (26,3%), emergem as relações de circunstância e de condição. Em nove (47,4%), emergem as relações de circunstância e de causa. Esses resultados são expostos na Tabela 1.

A seguir, apresento as análises de cada um desses conjuntos de orações.

Relação de circunstância

Na relação retórica de circunstância, o autor fornece, no satélite, o contexto ou a situação em cujo interior a informação expressa no núcleo deve ser interpretada (Mann e Thompson, 1986; Taboada, 2006). Essa definição não explicita que entre as informações veiculadas por núcleo e satélite deva se estabelecer qualquer relação de natureza temporal. Entretanto, diferentes autores (Antonio, 2008; Meira, 2011; Taboada,

Tabela 1. Frequência de relações retóricas.

Table 1. Frequency of rhetorical relations.

Relações retóricas	N	%
Circunstância	5	26,3
Circunstância e condição	5	26,3
Circunstância e causa	9	47,4
Total	19	100

⁴ Esses trabalhos se interessam pelo papel do *quando* na articulação do discurso. Por isso, estudam ainda o *quando* introdutor de adjetivas explicativas. Nas sequências narrativas em que o *quando* introduz adjetivas explicativas, o conector parece atuar na marcação da relação de reformulação parafásica, podendo ser substituído pela expressão *a saber*. Para maiores detalhes, ver Cunha (2011).

⁵ Essas reportagens compõem o *corpus* da pesquisa apresentada em Cunha (2013).

⁶ Evidências nesse sentido são fornecidas por trabalhos que se inserem em diferentes perspectivas teóricas da Análise do Discurso e da Linguística do Texto.

2006) associam à relação de circunstância uma dimensão temporal, revelando que o contexto mencionado na definição diz respeito a um enquadre cuja informação pode estabelecer com a informação nuclear diferentes tipos de relações de tempo (anterioridade, simultaneidade, posterioridade).

Não por acaso, Taboada (2006) observa que, em inglês, a conjunção temporal *when* (*quando*) é o principal sinalizador dessa relação. Nesse mesmo sentido, Antonio (2008, p. 231), em estudo sobre narrativas, observa: “As orações temporais estabelecem, com a oração-núcleo à qual estão ligadas, relação de circunstância.”

Nas cinco ocorrências do *corpus* em que o *quando* sinaliza apenas a relação de circunstância, a informação ativada na oração adverbial fornece um enquadre temporal necessário à compreensão do núcleo.

(1) O relator do projeto, o ex-deputado Sigmaringa Seixas, recorda que foi preciso vencer a enorme resistência dos parlamentares de outros estados, que comparavam a criação de uma Câmara Distrital com a histórica Gaiola de Ouro, como foi apelidada a Câmara de Vereadores do Rio *quando* era Distrito Federal (*Carta Capital*, 2010).

Nesse segmento, o acontecimento expresso no núcleo (a Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro foi apelidada de Gaiola de Ouro) inclui-se na situação expressa no satélite (o Rio era Distrito Federal). Em outros termos, o acontecimento no pretérito perfeito (núcleo) corresponde a um ponto de interseção na situação verbalizada no imperfeito (satélite), o que evidencia uma simultaneidade parcial entre as informações veiculadas.

Conforme Neves (2000), a relação de simultaneidade parcial ocorre nos casos em que a forma verbal de qualquer uma das orações (núcleo ou satélite) está no perfeito e a forma verbal da outra oração está no imperfeito. Verificou-se essa correlação <perfeito-imperfeito> em quatro das cinco ocorrências em que o *quando* sinaliza circunstância. Em apenas uma, a correlação é <futuro do pretérito composto-imperfeito>.

(2) ÉPOCA ouviu Aristides Junqueira sobre o depoimento de Durval. “Não posso confirmar e nem desmentir fatos e confissões que teriam ocorrido *quando* advogava nessa causa” (*Época*, 2010a).

Entretanto, no núcleo, o auxiliar no futuro do pretérito (*teriam*) não exerce sua função propriamente temporal, que é indicar posterioridade em relação a um momento de referência passado (Fiorin, 2010). Ele exerce uma função modalizadora, permitindo ao locutor expressar distância ou ausência de comprometimento em relação à informação verbalizada. Isso faz com que a substituição de *teriam ocorrido* por *ocorreram* modifique o grau de compromisso do locutor com o que afirma, mas não a dimensão temporal do segmento.

(2a) “Não posso confirmar e nem desmentir fatos e confissões que *ocorreram quando* advogava nessa causa”.

A correlação <perfeito-imperfeito>, sinalizando uma simultaneidade parcial entre as informações expressas ou a inclusão de uma informação na outra, bloqueia a inferência de qualquer implicação causal ou condicional entre essas informações. No exemplo (1), o Rio ser o Distrito Federal (satélite) não foi a causa ou a condição para que a Câmara dos Vereadores dessa cidade tenha sido apelidada de Gaiola de Ouro (núcleo). Da mesma forma, no exemplo (2), Aristides Junqueira ter advogado numa causa (satélite) não é o fato causador ou condicionante de acontecimentos que teriam ocorrido na época em que realizava o trabalho (núcleo). A ausência dessas implicações causais ou condicionais pode ser comprovada com a impossibilidade de se substituir o *quando* por *se* e *porque* e conduz à percepção de que, nos segmentos tratados neste subitem, não há sobreposição de relações.

Quanto à ordem das orações, em quatro dos cinco segmentos, verificou-se a ordem núcleo-satélite. Em apenas um, o satélite antecede o núcleo. A posposição do satélite ao núcleo parece se dever à busca do produtor do texto por deixar claro para o leitor que a informação mais relevante é a expressa no núcleo e que o enquadre temporal em que ela deve ser interpretada é uma informação menos relevante ou secundária. É o que se comprova com o exemplo (2). Nele, a vontade do advogado de não se comprometer ou de não comprometer seus clientes é mais importante do que a menção ao momento em que os acontecimentos do núcleo supostamente ocorreram.

Além dessa função, a posposição do satélite pode restringir ou limitar a informação expressa no núcleo (Borillo, 1988; Braga, 1999). Assim, em (2), os fatos e as confissões teriam ocorrido não em qualquer momento, mas apenas na época em que o locutor advogava na causa.

No único segmento em que o satélite antecede o núcleo, a adverbial inicia a reportagem.

(3) Quando Tom Jobim e Vinicius de Moraes compuseram *Garota de Ipanema*, em 1962, o Rio de Janeiro tinha metade do número de habitantes de hoje (*Veja*, 2010a).

Nesse caso, a anteposição do satélite parece ter por função permitir ao jornalista indicar que grande parte das informações da reportagem que se inicia deve ser interpretada no interior do enquadre temporal ativado por esse satélite.

Relações de circunstância e de condição

Na relação retórica de condição, o autor apresenta, no satélite, uma condição hipotética, que pode ser futura ou não realizada, da qual depende a realização da informação expressa no núcleo. Ou seja, o núcleo só se realiza, se o satélite se realizar (Mann e Thompson, 1986).

Em cinco ocorrências do *corpus*, a oração adverbial introduzida pelo *quando* estabelece uma situação ou um enquadre temporal em que a informação veiculada no núcleo deve ser interpretada, o que faz com que da articulação das orações seja possível inferir a relação de circunstância. Porém, a essa relação parece se sobrepor outra, a de condição. Em outros termos, nessas ocorrências, não é possível decidir de maneira inequívoca por apenas uma das relações, já que há elementos linguísticos e referenciais propiciando a emergência das duas relações.

Segundo Neves (2000), a correlação de presente com presente propicia uma leitura condicional eventual ou factual. Na condição eventual, há simultaneidade entre os eventos, e o aspecto verbal é não-perfectivo (iterativo), assumindo o *quando* sentido próximo do da expressão *todas as vezes que*. Já na condição factual, a simultaneidade entre os eventos é tênue, e tem relevância a factualidade contida na oração adverbial.

Em todos os segmentos do *corpus* em que se sobreponem circunstância e condição, a correlação temporal é <presente-presente>. Neles, a relação de condição parece ser de tipo factual, porque a simultaneidade temporal entre os eventos é bastante tênue, parecendo mesmo haver entre eles mais uma relação temporal de posterioridade ou de sucessão e menos uma relação de simultaneidade.

(4) Um projeto executivo malfeito é um convite ao aumento descontrolado de gastos, pois, *quando* um empreiteiro encontra problemas imprevistos, exige mais dinheiro para fazer sua parte – e essa diferença é paga sem passar por licitação (*Veja*, 2010b).

Nesse segmento, os eventos das orações ligadas pelo *quando* são expressos por verbos flexionados no presente. Entre esses eventos, a simultaneidade é bastante tênue, já que, com base em nosso conhecimento de mundo, é possível inferir que, primeiro, um empreiteiro encontra problemas imprevistos e, depois, exige mais dinheiro.

A correlação <presente-presente> e a simultaneidade bastante tênue entre os eventos fazem com que a informação expressa no satélite seja entendida como uma condição para a realização da informação nuclear, como pode ser verificado neste segmento.

(5) No Rio de Janeiro, uma iniciativa pioneira já avisa os moradores de morros sobre possíveis deslizamentos de rochas. *Quando* há sinais de chuvas fortes, os técnicos disparam alertas para canais de TV e de rádio, que avisam a população (*Época*, 2010b).

A ação de disparar alertas (núcleo) depende da ocorrência de sinais de chuvas fortes (satélite). Não havendo os sinais, os técnicos não disparam os alertas. Essa interpretação condicional pode ser comprovada por meio da substituição do *quando* pelo *se*.

(5a) *Se* há sinais de chuvas fortes, os técnicos disparam alertas para canais de TV e de rádio, que avisam a população.

No que se refere à ordem das orações, nas cinco ocorrências do *corpus* em que se sobreponem as relações de circunstância e de condição, o satélite antecede o núcleo. A recorrência da ordem satélite-núcleo parece se dever ao tipo de relação temporal existente entre os eventos.

Como vimos no subitem anterior, nos segmentos em que há apenas relação de circunstância, um evento está contido no outro, o que aponta para uma simultaneidade parcial entre eles. Já nos segmentos em que se sobreponem circunstância e condição, a simultaneidade é bastante tênue, sendo possível até inferir que o evento do satélite é anterior ao do núcleo. Assim, a ordem satélite-núcleo corresponderia, de forma icônica, à ordem em que os eventos precisariam ocorrer. No exemplo (5), é preciso que, primeiro, os sinais de chuvas fortes ocorram, para que, depois, os técnicos disparem os alertas.

Relações de circunstância e de causa

Na relação retórica de causa, o autor apresenta, no satélite, a causa da informação expressa no núcleo. Assim, entre satélite e núcleo, há uma relação de causa e consequência. Por isso, o evento expresso no núcleo não ocorreria, caso o evento expresso no satélite não tivesse ocorrido (Mann e Thompson, 1986).

Em nove ocorrências, a articulação da oração adverbial e da oração nuclear faz emergir concomitantemente as relações de circunstância e de causa, não sendo possível afirmar de forma categórica que apenas uma delas emerge. Da leitura dessas ocorrências, infere-se a relação de circunstância, tendo em vista que, em todas elas, o satélite, introduzido pelo *quando*, ativa um enquadre temporal em que as informações do núcleo devem ser compreendidas. Ao mesmo tempo, a leitura dessas ocorrências também propicia a emergência da relação de causa, já que o satélite traz o evento causador do evento expresso no núcleo.

A relação de causalidade costuma ser associada à correlação <pretérito perfeito-pretérito perfeito>, uma vez que o aspecto perfectivo das formas verbais possibilita que um dos eventos possa ser lido, ao mesmo tempo, como cronologicamente anterior ao outro evento e como causador desse outro evento (Moeschler, 1996; Neves, 2000).

Entretanto, apenas quatro das nove ocorrências em que circunstância e causa se sobreponem apresentam a correlação <perfeito-perfeito>. A lista das correlações identificadas encontra-se na Tabela 2.

A variedade de correlações parece evidenciar que não se deve estabelecer uma correspondência prévia e rígida entre a correlação das formas verbais e as relações temporais e causais entre os eventos expressos por essas formas. Tal correspondência leva ao pressuposto de que uma dada correlação de formas verbais propicia *sempre* a emergência de uma dada relação retórica. Dois argumentos parecem apontar para a inadequação de um pressuposto como esse.

Tabela 2. Lista de correlações.
Table 2. List of correlations.

Satélite – Núcleo	N	%
Perfeito – Perfeito	4	44,5
Presente – Presente	2	22,2
Perfeito – Futuro do pretérito	1	11,1
Imperfeito – Imperfeito	1	11,1
Imperfeito – Perfeito	1	11,1
Total	9	100

Primeiramente, uma relação causal pode emergir mesmo da articulação de orações cujas formas verbais não estão no pretérito perfeito e não expressam sucessão cronológica entre os eventos. No segmento a seguir, os eventos articulados pelo *quando* são simultâneos.

(6) “*Quando* sem nenhum fundamento espalhavam que o Lula iria confiscar as cedernetas de poupança, os petistas diziam que se tratava de terrorismo eleitoral. Agora, usam a mesma estratégia”, disse o líder do PSDB na Câmara, deputado José Aníbal (SP), em uma reunião com a cúpula tucana (*IstoÉ*, 2010).

A disseminação do boato sobre as intenções do então presidente Lula é simultânea à defesa feita por seus colegas de partido, o que é indicado pelos verbos no imperfeito. Mas, mesmo havendo simultaneidade entre os eventos, da articulação das orações ligadas pelo *quando* emerge a relação de causa, já que foi a disseminação do boato que causou a defesa de Lula.

Em segundo lugar, é possível inferir que um acontecimento é cronologicamente posterior em relação ao outro e que há uma relação causal entre eles, mesmo que não estejam expressos por verbos no pretérito perfeito. Assim, a relação causal pode emergir da correlação <presente-presente>, a qual nem sempre indica eventos simultâneos ligados pela relação de condição. Essa foi a correlação de todos os segmentos estudados no subitem anterior, em que emergem as relações de circunstância e de condição. Porém, em dois segmentos do *corpus*, os verbos estão no presente, mas os eventos não são simultâneos e estabelecem entre si as relações de circunstância e de causa. Um dos segmentos é este.

(7) *Quando* um carro novo entra [no estacionamento de carros apreendidos pela Receita Federal], outro sai, seja por venda, seja por doação (*Véja*, 2010c).

Os eventos articulados pelo *quando* não são simultâneos, porque a entrada de um carro novo é anterior à saída de outro. Ou seja, só depois que um carro novo entra é que um carro que já estava no estacionamento é vendido ou doado. Além disso, entre os eventos, há a relação de causa, já que a entrada de um veículo causa a saída de outro. Uma leitura condicional não parece possível, porque, na reportagem, a entrada e a saída de carros do estacionamento da Receita Federal não são apresentadas como eventos hipotéticos ou futuros, mas como fatos rotineiros. Por isso, nessa construção, o *quando* não pode ser substituído por *se*, mas pode ser substituído por *porque*.

(7a) *Porque* um carro novo entra [no estacionamento de carro apreendidos pela Receita Federal], outro sai, seja por venda, seja por doação.

Essas análises evidenciam que a correlação das formas verbais não parece constituir um critério seguro para caracterizar as ocorrências em que a oração adverbial introduzida pelo *quando* propicia a emergência das relações de circunstância e de causa. Talvez seja possível falar em tendência. Ou seja, nos segmentos articulados pelo *quando* em que a correlação seja <perfeito-perfeito>, há uma tendência maior à emergência concomitante das relações de circunstância e de causa. Mas apenas uma análise com um *corpus* mais extenso permite afirmações nesse sentido.

Se a correlação das formas verbais não parece constituir um índice seguro para proceder à caracterização intencionada, o conteúdo proposicional veiculado pelas orações pode auxiliar nessa caracterização. Isso porque em todas as nove ocorrências o papel de causa exercido pelo satélite e o papel de consequência exercido pelo núcleo são claramente identificáveis. Essa identificação foi obtida por meio de um teste, que consiste na transformação em pergunta e resposta das orações ligadas pelo *quando*. Nesse teste, a consequência expressa no núcleo é transformada em pergunta, ao passo que a causa expressa no satélite é transformada em resposta. Se a troca resulta coerente, essa é uma evidência de que há uma relação causal entre os eventos⁷. Demonstro esse teste com o exemplo (7).

(7b) A: Por que um carro sai?
 B: Porque um carro novo entra.

Quanto à ordem das orações, seis das nove ocorrências em que circunstância e causa se sobrepõem apresentam a ordem satélite-núcleo. Na maior parte dessas seis ocorrências, o evento expresso no satélite é anterior ao expresso no núcleo. Assim, a ordem satélite-núcleo parece representar, de forma icônica, a ordem em que

⁷ Esse teste para revelar uma relação de causalidade é proposto por Moline (2006).

os acontecimentos supostamente se produziram ou se produzem.

Aqui, vale chamar a atenção para o fato de que a ordem das orações parece ser o critério que mais fortemente distingue o grupo dos segmentos de que emerge apenas a relação de circunstância, caracterizado pela predominância da ordem núcleo-satélite, e os grupos dos segmentos de que emergem duas relações sobrepostas, os quais se caracterizam pela predominância da ordem satélite-núcleo. Parece que a sobreposição de uma relação causal ou condicional a uma relação circunstancial leva à anteposição do satélite ao núcleo.

Considerações finais

Neste artigo, apresentei um estudo das orações adverbiais introduzidas pelo conector *quando* presentes em reportagens, com o objetivo de investigar a atuação dessas orações na emergência de relações retóricas. Com o estudo, constatou-se que, em reportagens, a articulação de orações pelo *quando* é bastante complexa, pois propicia a emergência de diferentes relações, como circunstância, condição e causa.

Com a caracterização proposta, foi possível distribuir em três grupos as dezenove ocorrências que constituem o *corpus*. No primeiro, composto por cinco ocorrências, as orações adverbiais participam da emergência apenas da relação de circunstância. Os segmentos incluídos nesse grupo se caracterizam pela correlação <perfeito-imperfeito>, pela simultaneidade parcial entre os eventos e pela posposição do satélite em relação ao núcleo.

No segundo grupo, também composto por cinco ocorrências, as orações adverbiais participam da emergência concomitante de duas relações: circunstância e condição. Nesse grupo, os segmentos podem ser caracterizados pela correlação <presente-presente>, pela simultaneidade tênue entre os eventos e pela anteposição do satélite ao núcleo.

Por fim, o último grupo reúne nove ocorrências, cujas orações se articulam por meio das relações de circunstância e causa. Nesse grupo, foi mais difícil identificar regularidades formais que caracterizassem os segmentos. Mas algumas tendências foram observadas. Uma quantidade expressiva de segmentos se caracteriza pela correlação <perfeito-perfeito>, pela sucessão cronológica dos eventos e pela anteposição do satélite em relação ao núcleo. Além disso, em todos os segmentos, as orações podem ser transformadas em pergunta e resposta, o que evidencia o elo causal entre elas.

Esses resultados permitem constatar que, no gênero reportagem, a maior parte das orações adverbiais introduzidas pelo *quando* possibilita a emergência de mais de uma relação retórica. A relação de circunstância emerge em virtude da própria natureza temporal do satélite e do

conector que o introduz. Mas, dependendo da correlação de formas verbais, da ordem do núcleo e do satélite e da natureza das informações articuladas, à relação de base sobrepõe-se outra relação: condição ou causa.

Os resultados obtidos permitem verificar, então, que as orações adverbiais introduzidas pelo *quando* ajudam o jornalista a comunicar que, do seu ponto de vista, os eventos representados (irregularidades em obras públicas, fenômenos naturais, movimentação de carros apreendidos, disseminação de boatos, etc.) se combinam de modo bastante complexo, raramente havendo entre eles apenas uma relação de natureza temporal, causal ou condicional. Na maior parte dos casos, os eventos expressos na oração adverbial e na oração nuclear estabelecem entre si diferentes relações retóricas sobrepostas. Dessa forma, a articulação de orações por meio do *quando*, possibilitando a emergência de mais de uma relação retórica, pode ser entendida como um recurso de que o jornalista se vale para representar a sua visão acerca da complexidade do mundo.

Referências

- ANTONIO, J.D. 2004. *Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português*. Araraquara, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, 245 p.
- ANTONIO, J.D. 2008. Estrutura retórica e combinação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, 37(1):223-232.
- ANTONIO, J.D. 2012. Expressão linguística das relações retóricas de circunstância e de condição por meio de orações adverbiais temporais e por meio de orações adverbiais condicionais. *Estudos Linguísticos*, 41(1):128-143.
- BORBA, F.S. 2002. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. 1^a ed., São Paulo, Ática, 890 p.
- BORILLO, A. 1988. Quelques remarques sur *quand* connecteur temporel. *Langue Française*, 77:71-91. <http://dx.doi.org/10.3406/lfr.1988.4738>
- BRAGA, M.L. 1999. Os enunciados de tempo no português falado do Brasil. In: M.H.M. NEVES (org.), *Gramática do português falado: novos estudos*. Campinas, Editora da Unicamp/Humanitas/Fapesp, p. 443-459.
- BRONCKART, J.P. 2007. *Atividade de linguagem textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. 2^a ed., São Paulo, EDUC, 320 p.
- CARTA CAPITAL. 2010. Vanguarda do atraso. São Paulo, 20 jan., p. 47.
- CUNHA, G.X. 2010. A atuação do conector *quando* na organização de episódios da sequência narrativa. In: Fórum Internacional de Análise do Discurso: Discurso, Texto e Enunciação, 2, Rio de Janeiro, 2010. *Anais...* Rio de Janeiro, 2:674-690.
- CUNHA, G.X. 2011. Análise do funcionamento atípico do conector *quando* como marca de reformulação. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, 9:55-67.
- CUNHA, G.X. 2013. *A construção da narrativa em reportagens*. Belo Horizonte, MG. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, 601 p.
- CUNHA, G.X.; MARINHO, J.H.C. 2012. O conector *quando* e o encadeamento de episódios da narrativa jornalística. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 54(2):187-203.
- DECAT, M.B.N. 1993. “Leite com manga morre!”: da hipotaxe adverbial no português em uso. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica, 287 p.
- ÉPOCA. 2010a. Um mensalão de R\$ 150 mil? Rio de Janeiro, 8 jan., p. 36.

- ÉPOCA. 2010b. É possível evitar? Rio de Janeiro, 8 jan., p. 47.
- FILLIETTAZ, L. 2000. *Actions, activités et discours*. Genebra, Suíça. Tese de Doutorado. Universidade de Genebra, 403 p.
- FIORIN, J.L. 2010. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 4^a ed., São Paulo, Ática, 297 p.
- ISTOÉ. 2010. A hora do medo. São Paulo, 27 jan., p. 68.
- MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. 1986. Relational propositions in discourse. *Discourse Processes*, 9:57-90.
<http://dx.doi.org/10.1080/01638538609544632>
- MEIRA, A.C.G. 2011. *A articulação de orações em provérbios do português em uso: uma análise das relações retóricas*. Belo Horizonte, MG. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 150 p.
- MIRA MATEUS, M.H.; BRITO, A.M.; DUARTE, I.; FARIA, I.H. 2006. *Gramática da Língua Portuguesa*. 1^a ed., Lisboa, Editorial Caminho, 457 p.
- MOESCHLER, J. 1996. Ordre temporel, narration et analyse du discours. *Cahiers de linguistique française*, 18:299-328.
- MOLINE, E. 2006. Et comme minuit allait sonner... Pour en finir avec la partition temporelles vs causales. *Cahiers Chronos*, 15:63-90.
- NEVES, M.H.M. 2000. *Gramática de usos do português*. 1^a ed., São Paulo, Editora UNESP, 970 p.
- TABOADA, M. 2006. Discourse markers as signal (or not) of rhetorical relations. *Journal of Pragmatics*, 38(4):567-592.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.pragma.2005.09.010>
- TABOADA, M.; MANN, W.C. 2006. Rhetorical Structure Theory: looking back and moving ahead. *Discourse Studies*, 8(3):423-459.
<http://dx.doi.org/10.1177/1461445606061881>
- VEJA. 2010a. Sol, mar e organização. São Paulo, 6 jan., p. 58.
- VEJA. 2010b. Desvios subterrâneos. São Paulo, 6 jan., p. 64.
- VEJA. 2010c. Ele tem 150 000 metros quadrados. São Paulo, 6 jan., p. 72.

Submetido: 09/03/2014

Aceito: 24/08/2014

Gustavo Ximenes Cunha

Universidade Federal de Alfenas

Av. Celina Ferreira Ottoni, 4000, Padre Vitor

37048-395, Varginha, MG, Brasil